

em casa com

Sheila Bridges

Personalidade conhecida da TV americana, a ***designer de interiores*** define sua casa de campo no ***Hudson Valley***, perto de Nova York, como um ***loft no meio do mato***. Cores fortes e ***estampas chamativas*** definem o décor

TEXTO VANESSA D'AMARO ESTILO OLGA NAIMAN FOTOS FRANK FRANCES/OTTO



Na sala de estar, Sheila apoia-se na poltrona Club, de Ernst Schwadron, à frente do quadron de Kyle Meyer – junto à janela, banquinho garimpado da Grosfeld House, e, ao fundo, cortina com tecido da Gaston y Daniela



No gramado, as espreguiçadeiras da Barlow Tyrie oferecem lugar de descanso à frente da *pool house*, misto de vestiário e depósito junto à piscina; e, abaixo, na cozinha, armários clássicos da Dcor Design Works fazem o contraponto com a pintura abstrata de Nanette Hahn

O caso de amor de Sheila Bridges com o Hudson Valley, região montanhosa cortada pelo Rio Hudson no norte do estado de Nova York, é antigo. Morando em Manhattan desde a década de 1980, ela sentia necessidade de percorrer gramados extensos, cultivar plantas e criar alguns animais. No final dos anos 1990, comprou uma fazenda histórica do século 19 para torná-la seu refúgio de campo.

Porém, em 2018, o cenário mudou. A manutenção da propriedade pesou, e a designer de interiores, que vive sozinha, decidiu simplificar. “Percebi que poderia me habituar com menos, em espaços mais enxutos, reduzindo inclusive a minha pegada de carbono”, conta. Mas ela não estava preparada para abrir mão do Hudson Valley. Procurou e encontrou perto dali um terreno 13 vezes menor. Fechou negócio e, em seguida, terminou de pôr abaixo uma construção em ruínas para dar lugar a uma casa de 150 m² com cara de celeiro, apelidada de Hay House, em referência às bolas de feno que levou para o local.

Nos interiores, a profissional revela ter evitado o rústico, e brinca que criou um loft no meio do mato. “Dei um toque urbano e despojado, é tudo muito mais informal do que meu apartamento na cidade, repleto de elementos clássicos”, declara sobre a sua residência no edifício Graham Court, de 1901, dos arquitetos Charles W. Clinton (1838-1910) e William H. Russell (1856-1907), responsáveis por alguns dos primeiros arranha-céus nova-iorquinos.

No térreo, a aposta recaiu sobre uma base branca, nas áreas sociais, para destacar a coleção de arte, o mobiliário autoral, os



tecidos diversos, os garimpos em antiquários e mercados de pulgas, as lembranças de viagem e os itens de valor afetivo, muitos herdados de familiares da Filadélfia, terra natal da moradora. “Coleciono aquilo que amo sem me preocupar com marcas ou preços”, discorre, sobre a composição *high-low*.

As combinações mais ousadas aparecem nos revestimentos dos dois quartos e dos banheiros. “Trata-se de um recurso para propor mais intimidade nesses ambientes”, diz. A habilidade para abusar das estampas é, inclusive, marca registrada de Sheila, que assina a padronagem batizada Harlem Toile de Jouy, de 2006, em alusão a seu bairro em Manhattan e aos tradicionais motivos franceses. A ilustração foi reproduzida em objetos, de biombos a papéis de parede, passando por capas de almofadas e canecas. Aqui, ela surge em alguns acessórios, assim como a versão Hudson Valley Toile de Jouy, de 2014, homenagem bem-humorada a seu segundo endereço.

Autora do livro *Furnishing Forward: A Practical Guide to Furnishing for a Lifetime* (Bulfinch, 184 págs.) e presença constante em programas na TV aberta americana, Sheila costuma oferecer dicas de décor com naturalidade. “Cerque-se de móveis, peças e pessoas que você ama”, recomenda. “Foi o que coloquei em prática nesta casa. Ela reflete minha personalidade, quem sou, minha história. E é isso que a decoração precisa fazer por você”, arremata, com a desenvoltura habitual. ●



“Gosto de **composições com azul e verde**, tons que dialogam com a paisagem do campo e a proposta de **viver ao ar livre**”



Acima, no mezanino, a escrivaninha, design Donald Deskey para a Charak Modern, faz par com uma cadeira que pertenceu ao pai de Sheila – no canto, cadeira da George Smith, e, na parede, quadro de Peter Hildebrand; à esq., na sala de jantar, as cadeiras Louis XV e Biedermeier vieram de um antiquário, e, ao fundo, a fotografia central de Fabiola Jean-Louis é uma das aquisições preferidas da moradora; e, no alto, a mesa vintage no living, de origem sueca, reúne um conjunto de esculturas de pássaros – no teto, um móvel, criado por Sheila em colaboração com a artista Elizabeth Parker, faz bom proveito do pé-direito duplo

em casa com



“Quando as portas se abrem, *o visitante é surpreendido* pelo meu amor por *cores, texturas, arte e design*”



Acima, na suíte principal, o enxoval inclui uma almofada rolinho com a ilustração Harlem Toile de Jouy, desenhada por Sheila; à dir., a cama do quarto de hóspedes ganhou cabeceira de tecido da Gaston y Daniela, nos mesmos tons do papel de parede estampado, da Adelphi Paper Hangings; e, no alto, outro ângulo do mezanino mostra cadeira do acervo de Sheila e sofá vintage, de Albert Hadley, coberto por uma manta comprada na Islândia – sobre a mesa lateral, abajur com cúpula estampada da Vaughan Designs, e, ao fundo, pendente verde vintage



No banheiro, a pintura listrada coral, verde e branco, obra da moradora, emoldura o quadro com ilustração de um gato do artista Earl Swanigan – o banquinho rústico de madeira é recordação de uma viagem a Gana, na África